



# ***A palavra de Deus aos cativos: alguns Sermões de Karl Barth na prisão em Basileia-Suíça como Expressão de uma Teologia Pública***

Das Wort Gottes an die Gefangenen: einige Predigten  
von Karl Barth in der Strafanstalt in Basel-Schweiz als  
Ausdruck einer öffentlichen Theologie

RONALDO CAVALCANTE<sup>a</sup>

## **Resumo**

O genial teólogo Karl Barth, que com seu comentário à Carta aos Romanos, significou uma “guinada” na história da teologia, respondendo, com rigor intelectual e acadêmico ao pensamento liberal protestante, já incrédulo de elementos fundamentais da fé cristã, possuía igualmente a sua face pastoral que nunca foi abandonada. Após duas experiências paroquiais no início do século, na Suíça; nas décadas de 1950 e 1960, em 28 oportunidades, esteve na Instituição penal de Basel, pregando aos que ali estavam presos. Assim, no presente texto apresentamos uma síntese de sua trajetória acadêmica e pastoral e recuperamos alguns desses sermões, praticamente desconhecidos do público brasileiro. O engajamento pastoral de Barth tanto nas questões sociais e políticas, em especial no período da ascensão nazista, quanto sua presença no presídio, sinalizam uma pontual dimensão pública de seu ministério.

**Palavras-chaves:** Barth. Basel. Prisão. Sermões. Teologia Pública.

## ***Zusammenfassung***

*Der brillante Theologe Karl Barth, der mit seinem Kommentar zum Römerbrief einen Wendepunkt in der Geschichte der Theologie einläutete, indem er mit intellektueller und akademischer Strenge auf das liberale protestantische Denken reagierte, das bereits ungläubig gegenüber grundlegenden Elementen des christlichen Glaubens war, hatte*

---

<sup>a</sup>Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP. Brasil. Doutor em Teologia, e-mail: ronaldopcavalcante@yahoo.com.br

*ebenso sein pastorales Gesicht, das nie aufgegeben wurde. Nach zwei Erfahrungen in Kirchgemeinden zu Beginn des Jahrhunderts in der Schweiz war er zwischen 1950 und 1960 insgesamt 28 Mal in der Justizvollzugsanstalt Basel und predigte dort zu den Gefangenen. In diesem Text stellen wir eine Synthese seines akademischen und pastoralen Werdegangs vor und erschließen einige dieser Predigten, die der brasilianischen Öffentlichkeit praktisch unbekannt sind. Barths seelsorgerliches Engagement in sozialen und politischen Fragen, vor allem während der Zeit des Aufstiegs der Nazis, und seine Präsenz im Gefängnis weisen auf eine besondere öffentliche Dimension seines Dienstes hin.*

**Schlüsselwörter:** Barth. Basel. Gefängnis. Predigten. Öffentlichen Theologie.

*EU VIVO, E VOCÊS VIVERÃO*

*João 14,19*

*Domingo de Páscoa, 10 de abril de 1955, Prisão de Basileia*

*Quem ouve: "Eu vivo", ouve também imediatamente: ... e vocês viverão". Isto quer dizer: vocês são aqueles cujo futuro não está no seu pecado e na sua culpa, senão que está na verdadeira justiça e santidade, porque vocês procedem da minha vida.*

*Portanto, o futuro de vocês não está na tristeza, senão na alegria; não está no cativeiro, mas na liberdade; não está na morte, mas na vida*

*ICH LEBE, UND IHR WERDET LEBEN*

*Johannes 14,19*

*Ostersonntag, 10. April 1955, Strafanstalt*

*Basel*

*Wer das hört: Ich lebe, der hört sofort auch: und ihr werdet leben. Das will sagen: ihr seid solche, die nicht in ihrer Sünde und in ihrer Schuld, sondern, weil sie von meinem Leben herkommen, in wahrer Gerechtigkeit und Heiligkeit ihre Zukunft haben. Also nicht in der Traurigkeit, sondern in der Freude, also nicht in der Gefangenschaft, sondern in der Freiheit, also nicht im Tode, sondern im Leben.*

## **PRÓLOGO**

Atualmente, o conhecimento sobre o significado da vida e obra de Karl Barth (1986-1968), dentro do campo teológico brasileiro, está bem mais disseminado do que ocorria decênios atrás. Inúmeras pesquisas e produções

acadêmicas em nossa língua gradualmente vão preenchendo tal lacuna<sup>1</sup>, juntamente com algumas obras suas; o presente dossiê se soma a tais esforços, precisamente na celebração do centenário da segunda edição de seu comentário à *Epistola aos Romanos* (1922-2022). De início, apenas ressaltar que para muitos no âmbito da teologia protestante e católica, Barth é considerado o teólogo cristão mais importante do século XX. Iniciou seus estudos teológicos aos 18 anos, em Berna (1904), prosseguindo na Alemanha: Berlim (1906), Marburg e Tübingen (1907). Teve como professores, Hermann Gunkel, Adolf Harnack em Berlim, Adolf Schlatter em Tübingen e Wilhelm Hermann em Marburg. Em 1908, após concluir o bacharelado, presta os exames e vai a Berna onde é ordenado pastor por seu pai, F. Barth. Em 1909, está de volta a Marburg onde trabalhou na redação do jornal *Die Christliche Welt* (*O Mundo Cristão*), sob a direção de Martin Rade, um importante teólogo protestante liberal. Nessa época conhece Rudolf Bultmann, uma amizade que dura toda uma vida, não obstante suas diferenças teológicas.

Nesse mesmo ano é designado Pastor-auxiliar na pequena capela *Temple de l'Auditoire* do lado da imponente catedral St. Pierre em Genebra, na qual frequentavam suíços de fala alemã, permanecendo até 1911, ano em que é designado pároco da pequena igreja reformada de Safenwil, uma comunidade rural no cantão de Aargau (Argóvia) no norte da Suíça. Barth permaneceu ali até 1921, portanto, em torno de 12 anos de experiência pastoral. Esse período pastoral foi também significativo em seu viés político, por se tornar membro do Partido Social-Democrata da Suíça (1915), desenvolvendo uma relevante atividade junto aos membros de sua paróquia, muitos funcionários de fábricas, ajudando-os a se organizarem em sindicato para melhor reivindicar seus direitos sociais. Emblemático desse período foi seu sermão de 1911: *Jesus Christus und die Soziale Bewegung* (“Jesus Cristo e o Movimento Social”)<sup>2</sup>. Na evolução de seu pensamento teológico as décadas

---

<sup>1</sup> Acerca da trajetória teológica de Barth, muito já se produziu, recomendo em língua portuguesa: ZEFERINO, 2017, p. 309-331; GIBELLINI, 1998, p. 13-31; GOUVÊA, 2013, p. 11-67.

<sup>2</sup> Tal teologia, comprometida com as causas sociais e com o humano se revelará bem forte por ocasião da criação da Igreja Confessante, nos anos 1930 e na elaboração da *Die Thesen der Barmer Theologischen Erklärung* – “Declaração teológica de Barmen” (31 de maio de 1934), uma importante oposição ao nazismo na Alemanha, da qual Barth participou ativamente.

de 50 e 60 foram igualmente relevantes nesse aspecto social e humano. Seus contatos no mundo ecumênico protestante e com teólogos católicos, H. U. von Balthasar, G. Schöngen, H. Bouillard, H. Küng, de fato, abrem mais ainda as portas de sua teologia. Na sua última preleção de 1961: *Einführung in die evangelische Theologie* fica explícita a dimensão humana de seu pensamento teológico<sup>3</sup>, algo que estaria mais oculto na sua *Dogmatik*. Eram outros tempos.

Em 1913, casa-se com Nelly Hofmann, com quem teve cinco filhos. Aprofunda sua amizade com E. Thurneysen. Ainda como pastor, escreve e publica seu livro mais conhecido *A Epístola aos Romanos* (*Der Römerbrief* - 1919) e uma segunda edição bem reelaborada em 1922 quando já lecionava teologia em Göttingen<sup>4</sup>. Em termos práticos, tal escrito deu início a um verdadeiro movimento denominado *Teologia Dialética*. A obra ganhou várias edições nos anos seguintes. Foi certamente uma resposta a toda sua formação teológica liberal. Como é sabido, o otimismo liberal no progresso humano, também presente na teologia, recebeu um duríssimo golpe com o início da Primeira Guerra Mundial em 1914, no dia 28 de julho. Menos de uma semana depois, produziu-se um *Manifesto*<sup>5</sup> de apoio à política do II Reich sob o governo do Kaiser Guilherme II. Barth se pronuncia<sup>6</sup>. Assim, o posicionamento contrário de

---

<sup>3</sup> “A teologia evangélica não ignora que o Deus do evangelho se acha voltado para a existência humana, que ele realmente desperta e chama o ser humano à fé e com isso reivindica e ativa a totalidade do potencial intelectual humano... O Deus do evangelho não é um Deus solitário, que bastasse a si mesmo e fosse recluso em si mesmo... ele é livre, *de jure* e *de facto*, para ser Deus não ao lado do ser humano, porém igualmente não só *acima* dele, mas sim *junto* a ele, *com* ele e, sobretudo, *a favor* dele” (BARTH, 2007, p. 12-13 [1962]).

<sup>4</sup> Em Português: BARTH, K. *A carta aos Romanos*. Trad. de Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016. 575 p.

<sup>5</sup> *Manifesto dos 93 – Aufruf an die Kulturwelt – “Apelo ao Mundo da Cultura”*. Documento assinado por 93 pensadores, cientistas, homens de letras, teólogos, inclusive alguns Prêmios Nobel que, assombrados diante da reação negativa das outras nações pelo início da guerra, decidiram usar de sua enorme influência para justificar tal política belicosa. Sobre o Manifesto, ver: SCHILLING, V. “Cérebros e canhões: intelectuais alemães ao lado do II Reich”. Ao final, Schilling cita a lista dos 93 signatários. Cf. <https://noticias.terra.com.br/educacao/historia/cerebros-canhoes-intelectuais-alemaes-ao-lado-do-ii-reich,30082b2f792ea310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

<sup>6</sup> “Pessoalmente não posso ignorar aquela funesta jornada de primeiro de agosto de 1914 em que 93 intelectuais alemães manifestaram publicamente seu acordo com a política de guerra do imperador Guilherme II e de seus conselheiros; com profundo estupor, constatei que entre eles figuraram os nomes de todos os professores de teologia a quem até então eu havia respeitado e escutado confiadamente. E como estavam tão gravemente equivocados em seu *ethos*, uma conclusão se me impunha: já não podia seguir-lhes, nem

Barth ao manifesto dos intelectuais ganharia uma forma concreta durante os anos seguintes ao término da guerra, na formação de um grupo de amigos teólogos se reunindo para discutir os caminhos da teologia na Alemanha, aqui estaria o embrião da Teologia Dialética<sup>7</sup>. Eduard Thurneysen, Friedrich Gogarten, Emil Brunner, Rudolf Bultmann, juntamente com Barth, produziram importantes escritos contrários ao modelo da teologia liberal. A segunda edição do *Römerbrief* (1922) é o símbolo maior desse momento, sendo que no final de 1922 fundaram a revista (periódico) de teologia *Zwischen den Zeiten*<sup>8</sup>—“Entre os Tempos”, em Munique, sob a direção de G. Merz, com a sigla (ZdZ), a fim de veicular suas ideias. Esse grupo de jovens teólogos buscava outro fundamento para a teologia, algo que lhe conferisse um novo sentido diante das necessidades pastorais e da crise gerada pela guerra, com a clara tentativa de recuperar o objeto perdido da teologia. A revista funcionou até 1933<sup>9</sup>, ano da ascensão nazista ao poder na Alemanha com a nomeação de Hitler como seu chanceler. G. Marramao comenta sobre o surgimento da *Dialektische Theologie* dizendo que foi o “atestado de óbito da teologia liberal”

---

em sua ética nem em sua dogmática, nem em sua exegese da Bíblia nem em seu modo de ensinar a história; em suma, a partir daquele momento, a teologia do século XIX, ao menos para mim, já não tinha futuro” (BARTH, 1964, p. 14). Consta de três *Ensaio*s escritos na década de 1950 e traduzidos para o Inglês. No primeiro deles: *Evangelical Theology in the 19<sup>th</sup> Century*, Barth relembra a sua ruptura com a teologia liberal em 1914 precipitada pelos professores de teologia que foram signatários do *Manifesto dos 93* intelectuais. Gibellini(1998, p. 17) menciona ainda a transferência de E. Troeltsch da Teologia Sistemática de Heidelberg para a Filosofia de Berlin, fato destacado, segundo ele, por Barth.

<sup>7</sup> Precisamente sobre os possíveis significados da Teologia Dialética, ver: McCORMACK, 1997; BOUILLARD, H. "Karl Barth, gênese e evolução da teologia dialética". Disponível em: <http://biblicoteologico.blogspot.com.br/2015/03/henri-bouillard-tese-karl-barth-genese.html>. Tese doutoral sobre o pensamento de Barth, defendida na Sorbonne em 1956 e publicada em 1957, um total de 1200 páginas divididas em três volumes [original Francês].

<sup>8</sup> Era uma revista bimestral, o primeiro volume saiu em janeiro de 1923. GIBELLINI, R. A teologia no século XX. São Paulo: Loyola, 1998, p. 23, registra que o nome adveio de um artigo publicado por F. Gogarten em 1920 na revista *Die Christliche Welt* que dizia: "O destino de nossa geração é o de encontrar-se entre os tempos. Jamais chegamos a pertencer ao tempo que hoje chega ao fim. Será que algum dia pertenceremos ao tempo que virá? [...] Encontramo-nos no meio. Num espaço vazio. [...] O espaço tornou-se livre para a pergunta a respeito de Deus. Finalmente. Os tempos separaram-se um do outro, e agora o tempo está em silêncio".

<sup>9</sup> Havia claras diferenças entre os membros de formação luterana e os reformados quanto a temas, como o conceito de Reino de Deus, por exemplo, e em 1933, com a adesão de Gogarten ao movimento *Deutsche Christen* de apoio ao regime nazista e a consequente saída de Barth, consumou-se o fim do periódico.

(MARRAMAQ, 1997, p. 69). Ao passo que a teologia liberal buscava a integração e massificação da religião na cultura, na construção de uma sociedade cristã nos moldes iluministas da moral elevada sem qualquer tipo de sobrenaturalismo, a teologia dialética era exatamente o oposto. Segundo H. Lübbe, a postura de Barth nessa época, “não contém nenhum programa voltado a salvar ou promover uma civilização cristã, mas, ao invés, procura desmascarar as ‘ilusões’, isto é, a ideia de que a família, o Estado ou a sociedade possam ser ‘cristianizados’” (MARRAMAQ, 1997, p. 70). Na segunda edição do *Römerbrief* e a publicação da Revista *Zwischen den Zeiten*, manifestaram-se significativas influências, entre elas, destaca-se as filosóficas de S. Kierkegaard e F. Dostoiévski e as do movimento operário do socialismo cristão do pastor e teólogo prático suíço, Leonhard Ragaz, e especialmente o pensamento teológico de Franz Overbeck<sup>10</sup>. Foi esse o início de uma fulgurante e espantosa carreira acadêmica, por seu rigor de forma e conteúdo, sem estar refém da teologia liberal formada desde a tradição oriunda de Friedrich Schleiermacher, e que em seu primeiro momento, sublinhou, sobretudo, a realidade do *Deus absconditus*, Deus “totalmente outro” — (*der ganz Andere*), o Deus que não pode ser alcançado por nenhum conceito e nenhuma realidade humana; infinitude divina e finitude humana estão dialeticamente contrapostas. Nos anos seguintes produziu importantes escritos: *Das Wort Gottes und die Theologie* (1924) como parte da *Christliche Dogmatik-Prolegomena* já como professor catedrático em Münster, obra apenas iniciada. Em 1931, já professor de Teologia Sistemática em Bonn, comenta Santo Anselmo com seu *Fides quaerens intellectum*<sup>11</sup>. E em 1932 inicia sua obra magna: *KD — Kirchliche Dogmatik — (Dogmática Eclesiástica)*, até 1967, num total de 13 volumes, inacabada. Desde final de 1934 foi suspenso, disciplinado e demitido do serviço público alemão, perdendo sua cátedra de teologia, era a época da ascensão do

---

<sup>10</sup> Fora da Alemanha, Overbeck ficou mais conhecido como sendo o grande amigo de Nietzsche. Ele foi um dos primeiros a empreender uma crítica consistente à teologia liberal. Foi por alguns anos professor em Basel. Sua obra mais conhecida é OVERBECK, Franz. *On the Christianity of Theology*. San Jose-California-USA: Pickwick Publications, 2002. [Original em Alemão, 1903 (1873)]. Com tradução e uma minuciosa e excelente introdução por John Elbert Wilson, (p. 1-52), apontando, entre outras, a influência sobre a teologia dialética de Barth (p. 31-33).

<sup>11</sup> Em Português: BARTH, K. *Fé em busca de compreensão*. São Paulo: Novo Século, 2000.

nazismo. Em 1935 foi convocado para a Universidade de Basileia. Além de tudo isso e de todos os prêmios recebidos, Barth a partir de 1954 fez prédicas frequentes na Instituição penal de Basel, sobre algumas delas discorreremos a seguir.

A *Gesamtausgabe* (Edição Completa) das obras de Barth previu três volumes inteiramente dedicados aos seus *Predigten* (Sermões). Para o presente dossiê, utilizaremos o volume original em língua alemã e duas versões em língua espanhola e inglesa<sup>12</sup>. Após um tempo razoável distante do púlpito, Barth recebeu o convite do capelão da *Strafanstalt* (prisão) de Basel, Martin Schwarz, para que participasse dos ofícios religiosos como pregador naquela instituição. A princípio não aceitou, porém, pediu permissão para estar presente como ouvinte apenas. Segundo H. Stoevesandt, no prólogo do volume, Barth ouviu a homilia de Schwarz em 25 de abril de 1954 e pregou pela primeira vez em 1º de agosto do mesmo ano, e desde então, o próprio Barth perguntava se poderia esporadicamente pregar ali. Stoevesandt inclusive registra que na ausência de Schwarz, Barth fez visitas pessoais e participou de colóquios vespertinos, sendo que no período de dez anos pregou ali 28 vezes<sup>13</sup>. Não deixa de chamar a atenção e impressionar que um teólogo sistemático dessa magnitude, e com uma agenda tão complexa, pudesse dedicar tempo a pessoas já marginalizadas da sociedade. Conforme Stoevesandt (1979, p. ix), o volume de sermões (*Predigten 1954-1967*, BARTH 1979) reúne duas coleções de sermões: *Den Gefangenen Befreiung* — “Libertação aos Cativos”, de 1959, e *Rufe mich an!* — “Invoca-me”, de 1965. No pequeno espaço desse dossiê, escolhemos e sintetizamos três sermões de cada uma dessas duas coleções:

---

<sup>12</sup> BARTH, K. *Predigten 1954-1967*. Zürich: TVZ, 1979 BARTH, Karl. *Al servicio de la palabra*. Salamanca: Sígueme, 1985. BARTH, Karl. *Deliverance to the captives*. Eugene, Oregon: Wipf and Stock publishers, 1978. A edição inglesa é mais simplificada, não traz todos os sermões e está destituída do aparato crítico das notas de rodapé.

<sup>13</sup> STOEVE SANDT, H. Vorwort. In: BARTH, Karl. *Predigten 1954-1967*. Zürich TVZ, 1979. p. vii-xiii, à p. ix: “Ihr Ende fand die über knapp zehn Jahre sich erstreckende Reihe der 28 Strafanstalts-predigten am Ostersonntag 1964, weil Barth sich danach zu einer Fortsetzung gesundheitlich nicht mehr in der Lage fühlte”.

*I. Libertação aos cativos – (Den Gefangenen  
Befreiung)*

*A Liberdade em Deus e a Salvação somente por  
meio de Jesus Cristo*

Sua primeira intervenção na *Strafanstalt* de Basel<sup>14</sup>, teve como título:

**DENNOCH BLEIBE ICH STETS BEI DIR  
PERO YO SIEMPRE ESTARÉ CONTIGO  
NEVERTHELESS I AM CONTINUALLY WITH THEE**

Barth, a partir do Salmo 73,23: “Quanto a mim, estou sempre contigo, tu me agarraste pela mão direita”<sup>15</sup>, reflete que a Bíblia, o livro da liberdade, nos ensina a não estar conosco no sentido egoísta, pelo fato de que ninguém pode confiar em si mesmo e autossustentar, pois, tal atitude é o que se chama de pecado e onde isso acontece, não há liberdade. Pelo contrário, “somos todos convidados a falar com Ele ao invés de falar conosco mesmos. Agora podemos ter a liberdade de dizer-lhe: ‘Mas eu sempre estarei contigo’”<sup>16</sup>. Assim, Barth, para aqueles encarcerados, não diz o óbvio: que Deus estará com eles, antes, sublinha o ato de liberdade e ousadia de afirmar que por causa de Jesus Cristo, podemos dizer: “estarei sempre contigo”. Pois Jesus é “o que pode também levar todo o seu sofrimento no coração, e não apenas o seu, mas o do mundo inteiro... porque não é só homem, mas também o Deus Criador e Senhor todo poderoso que conhece todos nós melhor que nós mesmos e que nos ama”<sup>17</sup>. Uma vez que Deus nos sustenta e acolhe em nossa aflição, podemos dizer “estou sempre contigo”, pois somos sua possessão e é nesta condição que

---

<sup>14</sup> BARTH, K. *Predigten 1954-1967*. Zürich TVZ, 1979, 1. August 1954, (p. 3-9).

<sup>15</sup> Utilizo aqui e doravante a *Bíblia de Jerusalém*.

<sup>16</sup> “... sind wir alle eingeladen, statt mit uns selbst, mit ihm zu reden. Nun dürfen wir die Freiheit haben, zu ihm zu sagen: 'Dennoch bleibe ich stets dürfen'” (p. 7).

<sup>17</sup> “Einer, der in seinem Herzen auch seinem Kummer trägt, und nicht nur seinem, sondern der ganzen Welt. Einer... Weil er nicht nur ein Mensch ist, sondern auch Gott ist, der allmächtige Schöpfer um Herr, der dich und mich viel liebt” (p. 6-7).



podemos ser verdadeiramente livres. Estando presos, mas podendo dizer “estarei contigo”, implica a disponibilidade de Deus em estar, independente do lugar; em Cristo, o acesso a Deus está franqueado; trata-se, pois de uma atitude resoluto, uma vez que o caminho a Deus fora aberto, por meio do sacrifício na cruz, algo que não pode ser desfeito, o que inaugura um *novum* modelo de relacionamento a todos os homens de todas as culturas e lugares, de todas as raças e classes sociais. Em cada cela daquela instituição penal, os presos poderiam dizer com certeza, “estarei contigo”, Senhor!

**DURCH GNADE SEID IHR GERETTET**  
**ESTÁIS SALVADOS POR PURA GENEROSIDAD**  
**SAVED BY GRACE**

Com a temática da salvação, como “pano de fundo”, Barth expõe o tema da *Gnade* (Graça)<sup>18</sup>. Este sermão se fundamenta na Carta aos Efésios 2, 5b de apóstolo Paulo: “— pela graça fostes salvos”. Tudo o que se deve fazer em um ajuntamento cultual, segundo Barth, é em resposta a essa grande revelação de Deus a nós: “pela graça fostes salvos”, portanto, é sempre Deus quem primeiro age e apenas Ele pode nos dizer algo assim, pois “somos todos grandes pecadores... homens que por sentença de Deus e talvez por sua própria consciência erraram e perderam-se no caminho e que não são apenas parcialmente culpados, mas total e completamente culpados”<sup>19</sup>. Barth, não obstante ter atenuado posições teológicas radicais, na década de 1950, ainda se mantém firme quanto a uma antropologia bem realista (pessimista) acerca do ser humano e aqui se pode perceber claramente isso. Descreve uma situação impossível de resolução pelo homem, descrevendo uma condição irrecuperável: “Nós somos estes pecadores e estamos presos. Podem crer, existe uma prisão que é pior que esta casa”<sup>20</sup>, para, em seguida, apontar a

---

<sup>18</sup> Prédica de 14 de agosto de 1955, BARTH, 1979, p. 32-39.

<sup>19</sup> “... grosse Sünder sind wir alle miteinander... das sind Menschen, welche nach dem Urteil Gottes und vielleicht auch ihres eigenen Gewissens den Weg gründlichverfehlt und verloren haben, die nicht nur ein bisschen, sondern ganz und gar schuldig” (ibid., p. 34).

<sup>20</sup> “Solche Sünder sind wir. Und Gefangene sind wir. Glaubt es nur: es gibt eine Gefangenschaft, die schlimmer ist als die in diesem Hause”. BARTH, 1979, p. 34.

saída salvadora: “pela graça fostes salvos”. Uma palavra que vem desde cima, tendo a Jesus Cristo, que por sua morte e ressurreição fora constituído nosso salvador. E por isso mesmo, diz Barth: “Meus pecados, minha escravidão e todo meu sofrimento são coisas do passado, estou salvo!”<sup>21</sup>, novamente a consonância com a perícopa paulina é evidente: em Cristo, surge uma nova criatura, pois as coisas antigas passaram e tudo se fez novo, conforme 2Cor 5,17. Como se vê também aqui, Barth repete o esquema soteriológico paulino, ressaltando a superabundante graça, única capaz de romper o estado de disjunção do ser humano com seu criador. A Graça, caracterizada por uma generosidade ilimitada, infinita como solução para superar a rebelião que se instaurou tendo o pecado como vetor, é a única força capaz de alterar o curso da história de cada indivíduo, fazendo acontecer a vontade soberana de Deus que a todos ama incondicionalmente.

**ALLE!**  
 ¡TODOS!  
 ALL!

Dando continuidade ao tema da salvação em Cristo, Barth ressalta o princípio da “misericórdia” (*Erbarmen*), tão acentuado nas escrituras. E para tanto, parte da desconcertante afirmação de Romanos 11,32: “Deus encerrou todos na desobediência para a todos fazer misericórdia”<sup>22</sup>. O que se expõe aqui, distancia-se quase 40 anos de sua exposição no *Römerbrief* de 1919/1922. Aqui, na prisão de Basel, ele reconhece a dificuldade desse escrito de Paulo<sup>23</sup>. No seu *Römerbrief*, havia afirmado ser um “axioma terrivelmente inquietante”, mas que é de fato a chave para a compreensão de toda a carta, abrangendo temas fundamentais da teologia como Deus, justiça, ser humano, pecado, graça, morte, ressurreição, lei, juízo, salvação, eleição, rejeição, fé,

---

<sup>21</sup> “Meine Sünde, meine Gefangenschaft und mein ganzes Leid war gestern... Ich bin gerettet!” (ibid., p. 39).

<sup>22</sup> Prédica de 22 de setembro de 1957; BARTH, 1979, p. 81-89.

<sup>23</sup> “Und ich gestehe euch offe, das ich selbst, nachdem ich in einem nun schon ziemlich langen Leben immer wieder im Römerbrief des Paulus gelesen habe, mit so Vielem, was darin, was in der Bibel überhaupt steht, und so auch mit diesem Wort noch lange nicht fertig geworden bin. Es gibt mir immer neu zu denken” (ibid., p. 82).

amor, esperança, pois esta passagem, segundo Barth “é a medida pela qual tudo é medido, a balança sobre a qual tudo deve ser pesado”<sup>24</sup>. Em seu sermão aos presos de Basel, explicita, pois, o significado dessa misericórdia<sup>25</sup>, que não é outro senão o da compaixão, de um Deus compassivo, que se conduz por sua compaixão conforme vista, testificada e determinada nas palavras de Jesus Cristo e sobretudo em sua entrega kenótica, assumindo nossa humanidade. Esse “todos” (*alle*), segundo Barth refere-se não apenas à salvação que é estendida a todos, mas também à realidade de que todos estamos presos na desobediência. Diz ele: “Todos nós estamos fechados por trás de uma segura porta. E não podemos por nossas próprias forças olhar através dela: Deus fechou a todos nós nesta “desobediência” (*Ungehorsam*)”<sup>26</sup>. Assim, todos juntos imersos nessa rebeldia, somos conduzidos, qual “rebanho” (*Herde*), constituindo “sua comunidade” (*seine Gemeinde*) de pecadores a uma condição de receber a atuação de sua misericórdia a fim de transformar-nos na “comunidade de nosso Senhor Jesus Cristo” (*Gemeinschaft mit unserem Herrn Jesus Christus*). Esse “todos” significava, portanto, uma libertação, o que para os presos naquele lugar fazia toda a diferença, ainda que estivessem ali por toda a vida. Estariam conscientes da inclusão nesse “todos”.

## II. INVOCA-ME – (RUFE MICH AN)

### *A Realidade da Presença de Deus*

A segunda coleção de sermões sublinha que o Deus que salva por sua graça, o faz porque está presente, são homilias da década de 1960, a primeira delas<sup>27</sup>, tem como título:

---

<sup>24</sup>Cf. BARTH, 2016, p. 416.

<sup>25</sup> “Daß Gott sich erbarmt hat, erbarmt und erbarmen will und wird, daß Gottes Wollen und Vollbringen bestimmt und regiert ist durch sein Erbarmen. Darüber hat er selbst uns eben in Jesus Christus Bescheid gesagt, und das nicht nur mit Worten, sondern mit seiner größten, gewaltigsten Tat: indem er selbst sich in diesem seinem lieben Sohn für uns dahingegeben hat, ein Mensch, unser Bruder geworden ist” (BARTH, 1979, p. 82)

<sup>26</sup> “Hinter einer Türe aber sind wir alle fest und endgültig und ohne von uns aus hindurchblicken zu können, eingeschlossen in den Ungehorsam” (ibid., p. 85).

<sup>27</sup> Prédica de 11 de setembro de 1960; BARTH, 1979, p. 171-179.

## RUFE MICH AN!

### ;INVÓCA-ME!

Com base no Salmo 50,15: “invoca-me no dia da angústia: eu te livrarei, e tu me glorificarás”<sup>28</sup>, logo de início, Barth deixa explícito a identidade d’Aquele que nos ordena a invocá-lo: “[...] quem me chama e me diz que também eu o chame é o Outro: o que é totalmente distinto de você e de mim, de todos nós, do mundo inteiro. É aquele a quem você pertence”<sup>29</sup>. Não obstante preservar a “diferença qualitativa”, herança kierkegaardiana nas origens da teologia dialética, Barth discorrerá aqui e em outros sermões sobre a proximidade e disponibilidade de Deus ao ser humano. Diz ele que:

Ele é nosso Pai. Também é nosso irmão... é o milagre dos milagres — Nos ama e nos conserva e não permite que caiamos, tal como mereceríamos, e tampouco permite que nos escapemos; e com grande paciência e, ao mesmo tempo com grande austeridade, está aí nos esperando, dEle não podemos nos desfazer com nossa teimosia patente ou oculta nem com nossa indiferença, nem mesmo atingi-lo com nossas afrontas ou maldições, nem tampouco com nossas palavras piedosas. Não podemos dominá-lo, porque ele sempre está aí, como nosso proprietário. Ele é o Outro que nos chama<sup>30</sup>.

O ser humano tem a permissão de invocar a Deus, portanto, um tipo de indulgência, porém, simultaneamente trata-se de um imperativo, em outras palavras, mesmo sendo uma ordem, o ser humano é livre para invocar a Deus, especialmente no “dia da aflição (Not). Não apenas a aflição normal decorrente das questões sociais, políticas, econômicas que afetam a maioria dos países, mas em especial, “consiste simplesmente em que o homem é o que é, que não pode mudar a si mesmo. Esta é sua própria aflição. Ele leva em si

---

<sup>28</sup> “Ruf mich an in der Not, so will ich dich erretten, und du sollst mich preisen!”

<sup>29</sup> “Der mich da anruft und mir sagt, daß ich ihn wieder anrufen soll, das ist der Andere: der eben ganz anders ist als du und ich, als wir alle, die ganze Welt” (BARTH, 1979, p. 172).

<sup>30</sup> “Er ist unser Vater. Er ist auch unser Bruder... O Wunder aller Wunder! – dennoch lieb hat und behält, der uns also nicht fallen läßt, wie wir es wohl verdienen würden – der uns aber auch nicht entrinnen läßt, der in großer Geduld, aber auch in großer Strenge da ist und auf dich und mich wartet, den wir nicht loswerden können mit heimlichem oder offenem Trotz oder mit unserer Gleichgültigkeit, den wir nicht abspeisen können mit Schimpfen und Fluchen und mit frommem Worten auch nicht! Den wir nicht meistern können, weil er immer zuerst da ist als unser Meister. Er ist der Andere, der uns anruft” (BARTH, 1979, p. 172).

mesmo sua aflição”<sup>31</sup>. Aqui, aflora o primeiro Barth sob a poderosa influência de Kierkegaard, para quem: “No sentido mais estrito, é a angústia subjetiva que surge no indivíduo como conseqüência de seu pecado” (KIERKEGAARD, 1982, p. 76). Sendo assim, a experiência da angústia não provém apenas de fora, do mundo exterior, da ameaça de outros seres humanos, pois cada um é seu próprio inimigo e, não somente por conta de pecados cometidos, mais precisamente por sua própria origem pecadora: por isso mesmo, Barth pontua que “A invocação de Deus é realmente um grito. É um grito de: Eu te dou graças, porque tu — por cima de toda angústia, mas também em toda angústia, és Deus — quer ser e serás meu Deus e o Deus de todos os homens e do mundo todo”<sup>32</sup>. Dessa forma e com esse conteúdo teológico, percebe-se que o eixo central do relacionamento Deus-homem é de fato a *Invocação* — *Rufe mich an!* E, com isso, abre-se a porta dessa prisão interior para o livramento e para a glorificação prazerosa a Deus como algo conseqüente à ação divina e não uma obrigação.

### DER KLEINE AUGENBLICK

#### EI INSTANTE

Barth, a partir de Is 54, 7-8: “Por um pouco de tempo te abandonei, mas agora com grande compaixão, te unirei a mim. Em momento de cólera escondi de ti o rosto, mas logo me compadeci de ti, levado por amor eterno, diz lahweh, o teu redentor”<sup>33</sup>. Na presença há espaço para momentos de ausência. O *absconditus et revelatus* da mística cristã, de Lutero e do próprio Barth, se impõe aqui de maneira inequívoca. É cabível, pois, pensar que o caráter *absconditus* de Deus está estampado na *teologia crucis* e nesse sentido, Barth parte de Lutero<sup>34</sup>, mas vai além, ainda que a partir da cruz, penso eu, se

---

<sup>31</sup> “... besteht ganz einfach darin, daß der Mensch ist, wie er ist, und sich selbst nicht anders machen kann. Er ist seine eigene Not. Er leidet an sich selber” (BARTH, 1979, p. 174).

<sup>32</sup> “Die Anrufung Gottes ist tatsächlich ein Schreien! Sie ist der Aufschrei: Ich danke dir daß Du – der Du über, aber auch in aller Not Gott bist – mein und aller Menschen, der ganzen Welt Gott sein willst und wirst” (BARTH, 1976, p. 176).

<sup>33</sup> Ostersonntag. 2. April 1961, (BARTH, 1979, p. 187-193).

<sup>34</sup> Ver a respeito o artigo de George Hunsinger: “What Karl Barth Learned from Martin Luther”: *Lutheran Quarterly* XIII (1999), p. 125, *apud* Daniel Kleven: “Karl Barth: Integrating the

possa elaborar concomitante uma teologia apofática que silencie a voz humana ou que pelo menos diminua seu ruído e permita que o evento do calvário fale por si mesmo. “O que sucedeu no dia da Páscoa, foi a explicação, a revelação do mistério, do que havia acontecido antes, na ‘sexta-feira santa’. *Sexta-feira santa — Karfreitag*, significa: o dia da lamentação”<sup>35</sup>. Assim, pois, tal lamento está diretamente relacionado ao que ocorreu no Gólgota, não apenas à morte em si, senão também às palavras pronunciadas logo antes, a escolha do caminho trilhado por Jesus Cristo, um caminho solitário e de trevas, onde só ele poderia dizer: *Deus meu, Deus meu por que me abandonastes?* (Mt 27,46).

Como afirma Barth: “Eu, Deus, escondi meu rosto de ti, meu querido filho, nesse instante de ira. De fato, foi terrível o que Deus fez ali: este abandono, este esconder o rosto não de um malfeitor..., mas ao único homem verdadeiramente puro, santo, fiel — seu próprio querido filho”<sup>36</sup>. Entretanto, este “instante” crucial de um caminho tenebroso foi a única maneira de Deus se chegar de novo a nós. Para nos encontrar novamente, que tão distante estávamos dEle, seu filho “penetrou o próprio abandono de Deus que correspondia a nós, tomando sobre si”<sup>37</sup>. Nada obstante ter que enfrentar este “instante de abandono” e que retrata a condição humana mais crua e dura assumida por Jesus, Barth aos cativos de Basel e a nós, é bem explícito ao afirmar a verdade acerca da sexta feira da paixão e do dia da Páscoa, “[...] que Deus está junto de nós, seja quem formos e como devemos ser [...] Ele está presente, ainda que nos consideremos como abandonados”<sup>38</sup>. Ele é nosso e nós somos dele, o instante de luz substituiu o instante de trevas! A Páscoa é,

---

“Theology of the Cross” and *Deus Absconditus*. In: <https://biblioskolex.wordpress.com/2015/05/06/karl-barth-integrating-the-theology-of-the-cross-and-deus-absconditus/>, a propósito dos comentários de Barth acerca da temática em *Church Dogmatics*, vol. II/1, *The Doctrine of God*, p. 541-542.

<sup>35</sup>“Was am Ostertag geschah, war die Erklärung, war die Offenbarung des Geheimnisses dessen, was zuvor am ‘Karfreitag’ geschah. ‘Karfreitag’ heißt: Tag der Wehklage” (BARTH, 1979, p. 188).

<sup>36</sup>“[...] sondern gegenüber dem einen wahrhaft reinen, heiligen, treuen Menschen – seinem eigenem lieben Sohne gegenüber” (ibid., , p. 189).

<sup>37</sup>“Er ging hinein in die Gottverlassenheit, die uns zukäme, um sie auf sich zu nehmen...” (BARTH, 1979, p. 190).

<sup>38</sup>“[...] ist die, daß Gott zu uns hält, wer wir auch seien und wie wir auch dran seien [...]. Er ist zugegen verläßt uns nicht, auch wenn wir uns für verlassen halten müssen” (BARTH, 1979, p. 192).

pois, a “passagem” da noite para o dia, do escuro para o claro, da morte para a vida.

## BEKEHRUNG CONVERSIÓN

1João 4,18: “Não há temor no amor: ao contrário: o perfeito amor lança fora o temor [...]”<sup>39</sup>, é o texto do evangelho que Barth expõe para falar da experiência da conversão. Impossível não recordar o conselho registrado nos Provérbios 1,7 onde o temor religioso, potencializado pelo *status* filial para com Deus, fundamento de toda piedade e espiritualidade judaico-cristã, exclui o temor da servidão — aquele medo de ser condenado por Deus. Inicialmente, Barth se ampara na afirmação de Lutero: “Deus queira que a vida do cristão seja um arrependimento diário”<sup>40</sup>. Indica explicitamente que a conversão deve ser algo contínuo, recorrente. Em seguida, estabelece a virtude teologal do amor como se fosse um *locus*, um espaço definido onde não cabe a atitude de medo. Para ele, não se trata aqui do amor humano, pois, neste, percebe-se ainda a presença do temor: “Na casa do amor humano, no melhor dos casos, vive também o temor sob muitas formas, ainda que seja uma casa bastante bonita ou mesmo uma casinha de horta de recreio bastante bonita”<sup>41</sup>. A este, antepõe-se o “perfeito amor” (*vollkommene Liebe*), que está firmado e decorre de uma aliança (*Bund*) entre Deus e nós. Não se trata de um contrato, no qual ambos os lados estão em pé de igualdade, não! O amor que se revela na aliança, não se firma nos nossos merecimentos, senão no fato que “Deus fundou e concluiu este pacto e o mantém, apenas pela livre bondade de sua misericórdia onipotente”<sup>42</sup>. Trata-se, pois, de um presente que Deus nos dá gratuitamente e sem o nosso merecimento, algo incompreensível (*unbegreiflich*). O movimento é sempre primeiro de Deus, conforme nos

---

<sup>39</sup>Prédica de 6 de agosto de 1961; BARTH, 1979, p. 193-201.

<sup>40</sup>“Gott wolle, daß das Leben eines Christenmenschen eine tägliche Buße sei.” (ibid., p. 194).

<sup>41</sup>“Im Haus der menschlichen Liebe haust auch im besten Fall in vielen Gestalten immer auch die Furcht. Es mag deswegen doch noch ein recht schönes Haus oder doch ein recht schönes Schrebergartenhäuschen sein” (BARTH, 1979, p. 196-197).

<sup>42</sup>“... daß Gott diesen Bund gerade nur darum begründet und beschlossen hat und hält, weil das die freie Güte, der freie Wille seiner allmächtigen Barmherzigkeit ist” (ibid., p. 197).

aponta 1João 4,10, ou, segundo o texto áureo do evangelho de João 3,16, um amor de doação do próprio e Único Filho. Barth faz sua interpretação pessoal: “Deus não ficou isolado, encerrado em si mesmo, em um lugar elevado e eterno [...]”<sup>43</sup>. O que não deixa de ser um paradoxo: um Deus completo assumindo a incompletude humana. Após esta doação de Deus o que nos poderá causar medo? Diz Barth que “Deus é maior que nosso coração”<sup>44</sup>. É preciso que as pessoas saibam disso para despertarem de seu sonho, um sonho que os faz equivocar-se. E, ao saber experimentam uma mudança de direção — Conversão (*Bekehrung*) esta é a grande descoberta, perceber que estamos protegidos escolhidos pelo amor de Deus que é perfeito que nos envolve, e expulsa de nossa vida o temor, pois Deus é Deus conosco! Uma presença que independe de nossa condição e que nos constrange de maneira suave, como uma brisa num fim de tarde, a mudarmos de direção, cada dia que for preciso, pois conversão é isso mesmo, a renovação contínua da mente.

## Considerações finais

É muito revelador e comovente que este brilhante pensador cristão, absolutamente envolvido na ciência teológica em seu mais alto grau, com uma produção acadêmica gigantesca, quase inabarcável, tornado-se, por isso mesmo, uma referência obrigatória na teologia contemporânea protestante, católica e ecumênica, por mais de um século, com todos os compromissos de publicações em diversas línguas, conferências, seminários que isso acarretara a ele, tenha podido em ocasiões tão limites como as da 1ª e 2ª Guerras Mundiais, enfrentar verdadeiras potestades intelectuais e políticas hostis à mensagem nuclear do Evangelho, recuperando o valor da teologia para a sociedade secular e simultaneamente ter-se guardado inquebrantável em sua fé cristocêntrica e singela como demonstram seus sermões na prisão de Basel. Pelo conteúdo de cada sermão ali proferido, parece ser que Barth tinha uma predileção especial em estar ali, como que esvaziado de sua grandeza, para

---

<sup>43</sup>“Gott nämlich, der nicht allein, einsam für sich in irgend einer Höhe und Ewigkeit Gott sein will” (ibid., p. 198).

<sup>44</sup>“Denn Gott – der Gott, der es mit dir hält – ist größer als dein Herz” (ibid., p. 199).



poder falar com simplicidade acerca dos rudimentos da fé àqueles cativos, trazendo-lhes esperança, devolvendo-lhes a dignidade que em Cristo todo ser humano possui.

Cumpriu, à sua maneira, a conhecida afirmação atribuída ao teólogo Franz Overbeck, uma das principais referências para Barth: “Somente a coragem permitirá restaurar a teologia”. Aqui neste dossiê, temos somente um “aperitivo” uma “porta entreaberta”, uma “fresta” para tentar acessar a mente e o coração de um “gigante”, nos ombros de quem podemos estar para enxergar melhor os sinais dos tempos. Barth, antes de ser um potente e vigoroso pensador, era de fato um cristão devoto, um homem de Fé, a semelhança de Agostinho, Lutero e principalmente Anselmo. Se, por um lado, como amante de Mozart, fez da sua teologia um verdadeiro cântico de louvor ao Criador, uma clara doxologia, por outro, era plenamente consciente dos limites da teologia, dos perigos nos quais navegava, no risco iminente dela se tornar a pior “caricatura de si mesma”, como disse certa vez. Fazendo assim e não obstante seus atributos intelectuais, acercou-se do homem comum e nunca deixou de se incluir na massa de pecadores necessitada da misericórdia e do amor de Deus.

## Referências

BARTH, K. *Einführung in die evangelische Theologie*. Zürich: TVZ, 1962.

BARTH, K. *Introdução à teologia evangélica*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007.

BARTH, K. *The Humanity of God*. Louisville, Kentucky-USA: John Knox Press, 1964.

BARTH, K. *Deliverance to the captives*. Eugene: Wipf & Stock, 1978.

BARTH, K. *Predigten 1954-1967*. Zürich: TVZ, 1979.

BARTH, K. *Al servicio de La palabra*. Salamanca: Sígueme, 1985.

BARTH, K. *Fé em busca de compreensão*. São Paulo: Novo Século, 2000.

BARTH, K. *Church Dogmatics: The Doctrine of God*. Vol. II: part 1. Peabody-Massachusetts-USA: T&T Clark Ltd, 2010.

BARTH, K. *A carta aos Romanos*. Trad. Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BOUILLARD, H. "Karl Barth, gênese e evolução da teologia dialética". Disponível em: <http://biblicoteologico.blogspot.com.br/2015/03/henri-bouillard-tese-karl-barth-genese.html>

FILHO, Manoel Bernardino S. *Karl Barth e sua influência na teologia Latino-Americana*. São Paulo: ASTE/Associação Basileia, 2013.

GIBELLINI, R. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 1998.

GOUVÊA, R. Q. "Introdução" à edição brasileira da obra de Karl Barth: Palavra de Deus e palavra de homem. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

KIERKEGAARD, S. *El concepto de angustia*. Madrid Espasa-Calpe, 1982.

KLEVEN, D. "Karl Barth: Integrating the "Theology of the Cross" and *Deus Absconditus*. In: *βιβλιοσκόληξ*, 2015. Disponível em: <https://biblioskolex.wordpress.com/2015/05/06/karl-barth-integrating-the-theology-of-the-cross-and-deus-absconditus/>. Acesso em: 20 jan. 2022

MARRAMAIO, G. *Céu e terra: genealogia da secularização*. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

MCCORMACK, B. L. *Karl Barth's Critically realistic dialectical theology*. Oxford: Oxford Press, 1997.

OVERBECK, F. *On the Christianity of Theology*. San Jose-California-USA: Pickwick Publications, 2002.

SCHILLING, V. "Cérebros e canhões: intelectuais alemães ao lado do II Reich". In: Terra. Disponível em: <https://noticias.terra.com.br/educacao/historia/cerebros-canhoes-intelectuais-alemaes-ao-lado-do-ii-reich,30082b2f792ea310VgnCLD200000bbcceboaRCRD.html>. Acesso em: 21 jan. 2022.

STOEVE SANDT, H. Hinrich. Vorwort. In: BARTH, K. *Predigten 1954-1967*. Zürich TVZ, 1979.

ZEFERINO, J. Karl Barth: uma breve introdução a seu pensamento no horizonte da ética teológica. *Revista de Cultura Teológica* XXV, n. 89, jan./jun., p. 309-331, 2017.

RECEBIDO: 05/01/2022  
APROVADO: 08/04/2022

RECEIVED: 05/01/2022  
APPROVED: 04/08/2022